

# Processos Educativos na Prática Social do Hip Hop: a celebração dos valores da comunidade<sup>1</sup>

Cristiano Tierno Siqueira  
Maria Waldenez de Oliveira



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

## Resumo

*O objetivo desta investigação foi compreender e sistematizar os Processos Educativos que permeiam a Prática Social do Hip Hop da cidade de São Carlos, interior de São Paulo; como esses jovens se educam e como educam outras pessoas de suas comunidades, almejando contribuir para a valorização dos Movimentos de Juventude e para a elaboração de políticas que as considerem. Para tanto, acompanhamos algumas de suas atividades, como reuniões semanais periódicas, eventos artísticos, atividades educativas e festas. A análise dos dados revelou alguns valores presentes na vida dessas pessoas, como o amor pelo que se faz, a humildade, a necessidade do trabalho coletivo, a responsabilidade e o pertencimento a uma comunidade. Os homens e as mulheres do Hip Hop convidam-nos a abrir as portas das Escolas e Universidades, para que nos dispamos dos pré-conceitos que construímos todos os dias, para que aprendamos com jovens do Hip Hop, como também com outras pessoas que lutam por condições de vida dignas. Acreditamos que esta investigação traz contribuições para se pensar a educação que permeia Práticas Sociais em espaços não-escolares, como também para re-pensar a educação nos espaços escolares.*

**Palavras-chave:** Processos Educativos. Hip Hop. Juventude. Educação Popular.

## Educative Processes in the Hip Hop: the celebration of the values of the community

### Abstract

*The objective of this inquiry was to understand and systemize the Educative Processes that characterize Practical the Social one of the Hip Hop of the city of São Carlos, interior of São Paulo; as these young ones if educate and as they educate other people of its communities, longing for to contribute for the valuation of the Movements of Youth and for the elaboration of politics that consider them. For in such a way, we follow some*

---

<sup>1</sup> Agradecemos a leitura e as sugestões dadas por Valéria de Oliveira Vasconcelos.

*of its activities, as periodic weekly meetings, artistic events, educative activities and parties. The analysis of the data disclosed to some values gifts in the life of these people, as the love for what it becomes, the not arrogant, the necessity of the collective work, the responsibility and the belonging to a community. The men and the women of the Hip Hop invite-in opening the doors of the Schools and University, so that in we let us exempt them of the preconceptions that we construct every day, so that we learn with young of the Hip Hop, as well as with other people who fight for worthy conditions of life. We believe that this inquiry brings contributions to think the education that characterize Practical Social in not-pertaining to school spaces, as well as to rethink the education in the pertaining to school spaces.*

**Key words:** Educative processes. Hip Hop. Youth. Popular education.

### **“Chega, chega, chega, chega chegando...”<sup>2</sup>**

Pretendemos contar um pouco de uma história iniciada em março de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, na área de concentração de Metodologia de Ensino, e que tem como personagens da construção do conhecimento aqui exposto, jovens do Hip Hop de São Carlos.

O objetivo desta pesquisa foi compreender os processos educativos criados no cotidiano do Hip Hop de São Carlos e sistematizá-los. Para tanto, trazemos, inicialmente, um olhar acerca do Hip Hop e da Educação, construído com base em alguns autores e algumas autoras que investigaram/investigam os temas.

Em seguida, situaremos de onde vivemos esta investigação, e traremos o caminho que percorremos, as estratégias que utilizamos.

Após a breve apresentação do nosso referencial teórico-metodológico apontaremos as descobertas desta pesquisa e suas contribuições, com a pretensão de fornecer subsídios para se pensar a educação que permeia práticas sociais em espaços não-escolares, assim como a educação escolar.

### **Era uma vez...**

Há gente que prefere morrer de pé a viver a vida de joelhos.

James Brown

Final dos anos 1960. Descaso público, crescente desemprego empreendido pela automação do trabalho e conflitos étnico-raciais afligiam, principalmen-

---

<sup>2</sup> Canto inicial de um grupo de Rap de São Carlos, convidando a galera para curtir o som.

te, a comunidade periférica de Nova Iorque. Em meio a este “barril de pólvora”<sup>3</sup>, alguns jovens moradores destes bairros, principalmente de origem afro-descendente e hispânica, re-significaram a violência vivida no cotidiano das ruas através da expressão artística (Micael HERSCHMANN, 1997)<sup>4</sup>.

Fazendo das ruas o palco de expressão das inquietações, das aspirações e da rebeldia de um povo marginalizado, estes jovens ritmaram, poetizaram, dançaram, grafitaram uma nova estética.

Uniram quatro formas de expressão artística que brotavam das ruas, o DJ – quem dá o ritmo às festas com seus toca-discos, o MC – o mestre de cerimônias, responsável pela animação das festas e pela cantoria das músicas -, o Break – a dança - e o Grafite – a arte gráfica dos muros. Estes jovens sugeriram um estilo de vida que valorizava (e continua valorizando...) as raízes étnico-raciais destes povos: o Hip Hop. O eco deste grito pela vida logo romperia as fronteiras que separam os territórios e seria escutado em outras comunidades periféricas, contagiando toda uma juventude marginalizada.

No Brasil, a ocupação dos ouvidos afinados, dos olhos atentos, dos movimentos que dançam, dos corpos da juventude marginalizada se deu em meados da década de 70. O Funk, o Soul e o Hip Hop produzidos por artistas estadunidenses começaram a chegar ao Brasil. O palco para os encontros de jovens, regado a muita música era, inicialmente, os fundos dos quintais e, pouco a pouco foi ganhando as ruas e os salões de bailes periféricos. Os jovens que o freqüentavam eram afro-descendentes, em sua grande maioria (Amailton AZEVEDO & Salomão SILVA, 1999).

Nos dias atuais os ambientes em que o Hip Hop está presente são os mais diversos: desde casas noturnas de bairros badalados, nas suas “noites *black*”, freqüentadas por uma porcentagem superior de galeras de uma condição sócio-econômica privilegiada – na maior parte dos casos acarretando prejuízo do poder crítico e transformador que caracteriza a cultura Hip Hop (Márcio MACEDO, 2007). Também está presente em ambientes intelectuais e fóruns de discussão, como os realizados simultaneamente ao Acampamento da Juventude no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, ou mesmo nas monografias, dissertações, teses, dentre outras produções realizadas nas Universidades.

---

<sup>3</sup> Expressão que dá título a um documentário sobre a vida de James Brown, músico afro-americano tido como uma das mais importantes influências do Hip Hop.

<sup>4</sup> Optou-se por indicar nome e sobrenome de quem fazemos referência para que se possam identificar os homens e as mulheres.

No que diz respeito a São Carlos, segundo J. Ghetto e Piska (2004) “o primeiro passo da cultura Hip Hop” se deu em meados da década de 80. “Chegou a São Carlos através do Breake, por meio de um dançarino de codinome ‘Cupim’, vindo da cidade de São Paulo” (J. GHETHO & PISKA, 2004. p. 1).

De lá para cá, equipes de Breake, grafiteiros e grupos de Rap surgiram. Alguns desapareceram, outros mantiveram as suas ações ou deram origem a outros grupos, principalmente nos bairros periféricos Santa Felícia e Cidade Aracy.

## O nosso olhar quanto a Educação

Um de nós, sem a prática, é que nem nuvem que vai tocada no vento... vai por ir.

Associação da Favela Vila Nogueira/Paulo Freire

As nossas experiências de vida, desde muito antes dos nossos partos e no decorrer de nossas vidas nos proporcionam formas de perceber o mundo, de nos tornarmos educados e educadas. São elas os componentes que dão corpo ao nosso ser no mundo.

Conforme vamos crescendo, vamos também ampliando o número de pessoas com quem nos relacionamos: são as outras pessoas adultas e crianças da escola, do círculo de amigos(as) de nossos pais e mães e da rua. Com isto, ampliam-se também os espaços educativos para a escola, a rua, o trabalho, a/o igreja/templo religioso (Waldenez OLIVEIRA, 1998).

No que diz respeito ao ambiente escolar, são importantes as reflexões que faz a professora Petronilha Silva, ao investigar o educar-se entre pessoas africanas e afro-descendentes:

Torna-se educado quem frequenta escolas e faculdades, entretanto se os benefícios de tudo que aprender for usufruído apenas individualmente, sem reverter para o fortalecimento da comunidade, tem-se uma “pessoa estudada”, mas não educada. Só se torna educado quem se vale da educação para progredir no tornar-se pessoa, o que implica fazer parte de uma comunidade (Petronilha SILVA, 2003, p. 7).

Esse “fortalecimento da comunidade” observado pela professora Petronilha Silva (2003) e essa educação na vida de que fala a professora Waldenez Oliveira (1998, 2003) se encontram com as reflexões de Paulo Freire (1985, 1987, 1995), de Boaventura Santos (2000) e de Jorge Larossa-Bondía (2002), que nos indicam

quanto a educação está na família, na rua, no lazer, no trabalho... na vida. E essa educação, porque sentida e significada, porque transbordante de vida em comunidade, pretende a humanização, pretende o rompimento com a opressão.

“Nesta forma de conhecimento conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objecto à condição de sujeito” (Boaventura SANTOS, 2000, p. 30).

É deste ponto de vista que percebemos a educação: humanizadora. No entanto, como nos alertam esses autores e essas autoras, há uma educação que oprime, que retira do ser humano seu poder criador, sua historicidade, adormecendo sua capacidade de fazedor de cultura.

Essa educação, a que Paulo Freire (1987) denominou de bancária, busca a docilidade, o silenciamento, a prescrição. Ambas, humanizadora e bancária, podem ser encontradas em várias práticas sociais que não apenas nas escolares.

### **Caminho que percorremos...**

Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...

Caetano Veloso

Como instrumento de coleta de dados principal para esse estudo optou-se pela entrevista reflexiva. Para Heloisa Szymanski, 2002, a reflexividade significa “refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade” (p. 14). Para tanto, a análise das entrevistas foi submetida aos entrevistados, para então continuarmos os encaminhamentos da discussão com o referencial teórico, seguindo as direções que as conversas sobre a análise dos dados nos apontavam.

As entrevistas foram realizadas com quatro participantes do Hip Hop de São Carlos, três homens e uma mulher. O roteiro das entrevistas realizadas foi elaborado com base em registros de reuniões para organização de eventos do Movimento Hip Hop, em registros de eventos, festas, conversas. Estes registros também propiciaram uma “maior apreensão do agir e do pensar” destes(as) jovens, como também “um conhecimento das diversas experiências e saberes de seus membros” (Waldenez OLIVEIRA, 2003).

Utilizou-se também a análise de alguns documentos de autoria do Hip Hop de São Carlos, entendendo-os como uma importante fonte de informação (Menga LUDKE & Marli ANDRÉ, 1986).

Não podemos deixar de mencionar a convivência no cotidiano como uma estratégia metodológica. Nesta convivência construímos ações conjuntamente, trocamos saberes e fazeres, somamos sensações e sonhos, enfim, criamos uma relação de amizade, de comprometimento com o outro e a outra. O pesquisador e o outro e a outra que eram parte da pesquisa estavam (e estão...) emaranhados nas teias de relações do cotidiano.

## **Processos Educativos presentes no Movimento Hip Hop de São Carlos**

Nas ciências dos cuidados fui treinado, agora entre o meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu, câmara de ethos...

Wally Salomão

### **O trabalho coletivo**

Ao finalizarmos a análise dos dados encontramos muitos aprendizados construídos. Dentre eles é importante se destacar o valor do trabalho coletivo na organização e implementação de ações do Hip Hop. Aqui está uma das principais contribuições do Hip Hop para a escola e para a sociedade como um todo, na medida em que esta característica rompe com as privatizações e privações do público a que estamos expostos, pautados pelo domínio da economia de alguns poucos, em detrimento da vida de muitos, gerando uma competição insana entre as pessoas.

Teddy, um dos entrevistados e colaborador da pesquisa, nos fala desta coletividade em um dado momento de nossa entrevista.

Ninguém faz nada sozinho, a gente sempre precisa de alguém pra seguir a gente na conquista de um norte. Sem ter alguém ao seu lado na conquista de um norte cê não vai chegar nem a leste e oeste, tá ligado. Não tem como. (...) Nem festa na sua casa se você for fazer sozinho, bancar tudo sozinho não vai saí mano. Vai tê que ter o dedinho de alguém pro meio. Porque tá ligado, isso aí é velho no mundo: todo mundo precisa de todo mundo e já era, é isso daí (Teddy).

É nessa coletividade de que fala o Teddy que se constroem os conhecimentos, as formas de existir e resistir no mundo. Como diz o Júlio analisando o caráter educativo do Hip Hop: “E se não fosse o Hip Hop? Você não ia conhecer o Teddy do jeito que ele é, você não ia conhecer o Caio do jeito que ele é, (...) o Hip Hop ta educando, e vai educar muito mais ainda”. É na convivência que estes

jovens vão escrevendo as rimas que compõem a música de suas vidas, que vão aprendendo uns com os outros a conduzir a própria vida (Petronilha SILVA, 2003).

Essa característica marcante dos discursos e das ações de jovens do Hip Hop – o trabalho coletivo –, no qual se aprende uns com os outros no fazer da prática social Hip Hop, encontra-se com as palavras de Paulo Freire (1987), quando este diz que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (p. 69).

Essa união, esse sentimento de coletividade, de pertencimento a uma comunidade que o Hip Hop cultiva, entra em sintonia com o que argumenta Heloísa Martins (2002), quando esta propõe algumas ações para transformar esse quadro de individualismo que vivemos em nossa sociedade atualmente. A autora refere-se a um processo de “ressocialização”, a partir de uma “mudança de valores” e de uma forma diferenciada de “ver as coisas”.

As pessoas têm de passar por um processo que, em sociologia, é denominado “ressocialização”. Tal processo implica mudanças de valores e na maneira de ver as coisas, ou seja, devem-se sobrepor os interesses coletivos aos individuais. Não é fácil, pois aprendemos a ser individualistas, numa sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo, em que predomina a lei da vantagem em tudo. Como superar isso? Como mudar essa maneira de pensar? Trata-se de um desafio e de uma questão política. É uma tarefa que cabe a todos nós (Heloísa MARTINS, 2002, p. 40).

As ações propostas por Heloísa Martins (2002) vão ao encontro, por exemplo, da humanização defendida por Paulo Freire (1987), como também de algumas ações realizadas pela própria juventude. Tais ações estão presentes na forma da resistência empreendida aos diversos movimentos da globalização neoliberal (privatizações, acordos de cooperação desleais entre países – ALCA, NAFTA -, massacre de povos, denominadas pelo imperialismo como guerras). Estão presentes na forma da organização dos movimentos culturais espalhados pelas cidades, como as rodas de samba temperadas com uma feijoada ou outra delícia da culinária brasileira, os bailes que guardam uma tradição - como o Baile do Carmo, na cidade de Araraquara, que comemora todo ano a alegria de ser negro. Estão presentes nas ações do movimento estudantil, nas experiências coletivas espalhadas pelo Brasil e pelo Mundo e na ética e na estética construída pela expressão de jovens do Hip Hop.

## A humildade

O “fazer com”, a união, argumentam os entrevistados e a entrevistada, exige das pessoas envolvidas um sentimento essencial nas relações humanas: a humildade.

Teddy nos explica o que quer dizer com humildade, inicialmente, com exemplos de falta de humildade:

Não dá prá ficar usando os outros de escadinha (...) tem que correr junto mano, não adianta ficar correndo pelas berada e fica falando: 'Não, nós é unido até umas hora'. Vira as costa: 'Bosta, é eu na fita' (Teddy).

E Teddy continua dizendo:

Não é simplesmente você ser pobre, morar num barraco ou num bairro pobre, tá ligado. A verdadeira humildade é você saber usar o que de repente ninguém sabe que tem no peito, tá ligado, que é o órgão mais importante no corpo humano: o coração.

A humildade aqui trazida pelo Teddy se contrapõe a postura de uso das pessoas para benefício próprio, e uma vez conseguido o benefício, as pessoas são descartadas como objeto sem uso. Teddy traz uma compreensão de humildade relacionada com o fazer de coração, fazer as coisas com amor pelo que se faz e com quem se faz, e que esta postura não está necessariamente determinada pela classe social.

Paulo Freire (1987) afirma que sem humildade não há diálogo; sem humildade esses homens e mulheres não podem ter outras pessoas como parceiras na “pronúncia do mundo”.

A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. (...) a auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (Paulo FREIRE, 1987, p. 80-81).

Caminhar com os próprios passos, mas não sozinho, e com humildade são elementos fundamentais na realização de ações coletivas.

### **O amor**

Como já destacado no item acima, ao falar da “verdadeira humildade”, Teddy faz referência a uma das características do fazer Hip Hop: o fazer “de coração”, com amor, e acrescenta: “Fazer Hip Hop é fazer as coisas de coração mesmo, tá ligado, gostando do que tá fazendo, não prá mostrar prá ninguém, ou prá dizer que pode” (Teddy).

O amor pelo que se faz, o desejo de expressar as coisas que estão no coração, é uma atitude muito presente nas relações entre pessoas do Hip Hop, esculpindo a forma como se organizam e a forma como realizam suas ações, encontrando-se com as palavras de Paulo Freire (1987, p. 79), quando este diz que “não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”.

Todas estas vozes se encontram com a voz de quem deu sua vida pela libertação dos povos de América Latina. Esta voz é a de Ernesto Guevara, mais conhecido como Che Guevara (citado por Paulo FREIRE, 1987). Diz ele: *“Dejeme decirle (declarou dirigindo-se a Carlos Quijano) a riesgo de parecer ridiculo que el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor. Es imposible pensar un revolucionario autentico, sin esta cualidad”* (Paulo FREIRE, 1987, nota de rodapé da p. 79).

### **A responsabilidade**

Além deste coral de vozes a cantar o amor, a responsabilidade aparece como um elemento importante no fazer Hip Hop, principalmente no discurso do Teddy. Ele fala em diversos momentos de uma postura de responsabilidade, muito cobrada pelo grupo de São Carlos: “A gente cobra muito, tá ligado, responsabilidade, porque tem muito cara que fala, que paga de discurso, mas na hora do vamo vê não vira nada, tá ligado. Então primeiro: ter responsabilidade naquilo que vai assumir” (Teddy).

A responsabilidade, como fala Teddy, está além da consciência de assumir uma coisa. Ela perpassa a questão da coletividade, do “fazer com”. Teddy continua dizendo:

E prá ter responsabilidade, não adianta só o cara ter a consciência

de assumir o bagulho, o cara tem que pensá assim: se o meu mano ali vai fazer um bagulho eu vou ter que fazer outro, tá ligado. Porque são muitas correrias que movem um único evento, tá ligado. Daí, daquele objetivo ali o bagulho espalha assim, prá todo canto tem correria prá fazer, prá quê?, prá aquilo acontecê, o que?, quatro horas num único dia. Cê faz correria de vários dias, de várias horas, tá ligado. E... eu acho que todo mundo tem que ter consciência disso. (...) Então fazer Hip Hop em São Carlos é ter atitude, coragem e firmeza, porque senão não sai nada mano (Teddy).

Trazendo o exemplo da organização de um evento com quatro horas de duração, Teddy mostra que são necessários vários dias e horas na sua construção, o que demanda a soma do trabalho de várias pessoas. A responsabilidade, portanto, está para além de saber da importância da sua participação; está em entender mais amplamente todo esse significado do trabalho longo e coletivo.

A responsabilidade é uma característica ressaltada por Paulo Freire (1987), quando se perspectiva a “luta pela humanização”, a “superação da contradição opressor-oprimidos”.

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles (oprimidos) se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter a liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina (Paulo FREIRE, 1987, p. 55).

Nos discursos e nas ações destes jovens fica explícito o posicionamento que rompe com a percepção de indivíduo enquanto “uma peça bem alimentada da máquina”, assumindo uma postura de “atitude, coragem e firmeza”, como diz o Teddy.

## **A convivência**

Esses valores – trabalho coletivo, amor, responsabilidade -, trazidos pelos entrevistados e pela entrevistada, são construídos na convivência com os familiares e com as pessoas da comunidade, desde os mais jovens até as pessoas com mais idade. São construídos também com as pessoas mais experientes ligadas ao Hip Hop, que aliam o ensino de valores ao ensino de técnicas especí-

ficas. A escola também é mencionada como um espaço social que ensina valores.

É Teddy quem nos fala da convivência como um conjunto de espaços de aprendizado: “a gente aprende mesmo com a nossa família, amigos mais próximos, verdadeiros amigos né mano... e com a vida” (Teddy). Há aqui um encontro com o que aponta Ana Vangrelino (2003, p. 81), quando esta diz que “podemos transitar em diversos espaços, da sala de aula para a casa, da casa para os quintais, dos quintais para a rua e da rua para a casa, e assim por diante, na busca de conhecer o mundo.”

Esses ensinamentos do convívio familiar, do convívio na rua, no trabalho, na escola, e mais amplamente, na vida propiciam reflexões, ensinamentos, desvelamentos, cuidados..., e estes, somados ao envolvimento com o fazer Hip Hop, têm uma importância fundamental na formação para a vida em um ambiente repleto de predadores (carências, descasos, abusos, discriminações, racismos...), permitindo que a vida tenha mais ritmo e poesia, mais balanço e movimentos, mais cores e formas, mais sons e silêncios... mais sonho e rebeldia...

E Teddy nos explica o que é ensinado nessa convivência:

O Hip Hop o de mais fundamental que ele ensina às pessoas é: dê valor a sua vida, porque se você não der valor ninguém vai dar (...)\_se você não cuidar de si ninguém vai cuidar, então, o de mais importante que o Hip Hop ensina é isso: valorização da vida.

Neste sentido, acreditamos que esta forma de se educar no e com o mundo/vida – na convivência com o(a) diferente, na relação com os(as) amigos(as) e família, no aprendizado com os(as) mais experientes... no “jogo da vida” – está em sintonia com o que a Professora Petronilha Silva (2003) diz com “aprender a conduzir a própria vida”.

Aprender a conduzir a própria vida é, pois um processo de constantes trocas com quem se convive, na família, no próprio grupo étnico/racial, no trabalho e em outros ambientes como terreiros e igrejas, sindicatos, escolas. Nele se é incentivado a afirmar ou negar a origem étnico/racial, a assumir outra alheia como se fosse própria, sem conseguir, no entanto apagar totalmente a primeira (Petronilha SILVA, 2003, p. 13).

## **A quem são dirigidas as ações destes jovens do Hip Hop?**

Na fala do Teddy é possível perceber que há uma preocupação, ao se fazer Hip Hop em São Carlos, de se trabalhar com pessoas de diversas classes sociais, com diferentes objetivos. É como Teddy diz, ao ser questionado para quem o grupo de São Carlos faz Hip Hop:

De preferência prá comunidade, né mano. Atingindo a comunidade, tanto pobre quanto rica, principalmente rica prá eles vê que o bagulho não é aquilo que eles vê, tá ligado. Não é aquilo que eles pensam, aliás. Eles vê que realmente o Hip Hop é uma árvore que gera bons frutos, tá ligado. E pros pobres, que é a classe mais atingida, infelizmente, pelas drogas, tá ligado, prá eles vê que aquele ali não é o caminho mano, tá ligado. Então é esse público que a gente quer realmente atingir (Teddy).

Enquanto para a “comunidade rica” o objetivo é superar a falta de informação, a discriminação e o preconceito dirigidos às pessoas do Hip Hop, para a “comunidade pobre” o objetivo é informar as pessoas sobre os perigos, os descaminhos que a droga pode propiciar. Porém, aqui, Teddy revela que se preocupa mais com os(as) adolescentes mais novos(as): “na juventude esses são os principais que eu me preocupo, mais com os adolescentes iniciantes mesmo”.

Júlio, mais um dos entrevistados e colaboradores da pesquisa, traz com seu discurso o foco de suas ações para a periferia e para quem não é da periferia e quer ir com ele “prá mudar todas essas paradas”:

Não tem essa, se eu vou falar que eu faço o Hip Hop só pra periferia, porque eu não quero que a periferia seja sempre periferia. Periferia é periferia porque tem muita gente que deixou de correr atrás, periferia é periferia porque tem gente que não deixa a periferia crescer, então eu falo assim pro meu vizinho pra ele votar direito pra ele escolher o voto dele, aí eu vou falar pro cara que quer ser eleito: “eu já expliquei isso pro cara, o cara vai cobrar de você, então é melhor você mudar”, então eu falo pra quem quiser vir comigo, porque seu eu ficar batendo só na cabeça da periferia não dá (Júlio).

Teddy e Júlio ao objetivar atingir por meio de suas letras e demais ações dentro do Hip Hop a “comunidade pobre” e a “comunidade rica” (Teddy), a periferia e o “cara que quer ser eleito” (Júlio), estes optam pela humanização, optam pela ação libertadora, optam pela radicalização, aceitam, como Paulo Freire (1987) anuncia, a “grande tarefa histórica” que lhes está colocada: “libertar a si e aos opressores”.

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (Paulo FREIRE, 1987, p. 31).

### Tecendo algumas considerações...

Tenho para minha vida  
A busca como medida  
O encontro como chegada  
E como ponto de partida.  
Sérgio Ricardo

“De pé no chão”, como gostava de educar e se educar Paulo Freire, transitando pela periferia de São Carlos, ouve-se um som, vê-se movimentos, cores... São jovens do Hip Hop, que ao criarem suas letras e músicas respeitando os tempos e os espaços, deixando a coisa amadurecer, “cozinhando ali na sua cabeça” (Júlio), estão trazendo um retrato das comunidades, expressando “de coração” (Teddy) a realidade em que vivem.

Toda essa vida, sufocada pelas mídias que estereotipam, pela polícia que faz terrorismo, pelos governos que iludem, pela sociedade que discrimina, toda essa maneira de viver na periferia ganha outros traços, outros ritmos, outras poesias e outros movimentos a partir da ação desses(as) jovens. E o que era feio torna-se belo; e o que era discriminado torna-se revelado, des-velado, conhecido, experienciado, mas também consumido; o que para alguns era motivo de vergonha (morar na periferia) passa a ser motivo de orgulho; e o que era reprimido vira expressão: música-movimento-pintura.

É no ritmo forte e quebrado do Rap, nos movimentos precisos e desafiadores do *break* e as formas e traços do grafite que ocupam a cidade, que homens e mulheres do Hip Hop fazem a reflexão acerca de suas vidas, expressando formas de responder as perguntas do mundo, expressando os valores de que estão se nutrindo para viver. As ruas cheias de pessoas, crianças brincando prá lá e prá cá, cadeiras conversando na porta das casas, ônibus lotados de trabalhadores(as) da cana e da laranja no vai-e-vem do cotidiano, pessoas assassinadas, pessoas nascidas... A vida na periferia... Os retratos das dualidades

presentes na convivência das ruas, mixado com as batidas, as cores, os movimentos, os ritmos e as poesias da comunidade.

Com “a história na mão”, como canta Geraldo Vandré, localizados na geografia significada pelos contrastes, desconstruindo e reconstruindo linguagens, atentos aos movimentos que o corpo necessita fazer para gingar as dificuldades, é que são criadas formas de expressão artística, e também formas de viver o dia-a-dia: é a luta pelos direitos que historicamente foram negados, é a criatividade para garantir o sustento da família, é a contação de histórias que não deixa romper os fios da memória, é a solidariedade entre vizinhos que tenta acalantar as feridas do tecido social

É no respeito ao conhecimento de uma pessoa mais experiente, “na humilde” (Teddy); no acolhimento do outro e da outra na constituição de um projeto coletivo de comunidade; no fazer com amor, “de coração” (Teddy); na rebeldia contra as grades da ignorância e na expressão dessa indignação através da arte; são dessas maneiras que homens e mulheres do Hip Hop constróem, desconstróem e reconstróem, nos scratches<sup>5</sup> da vida, o espetáculo do dia-a-dia.

A sabedoria da ancestralidade africana, recriada pela juventude contemporânea por meio de aparatos tecnológicos e de muita criatividade, continua sendo tocada, como o fizeram em outros tempos os tambores de libertação nos cativeiros.

E o que estes jovens estão nos ensinando?

Ensinam-nos a urgência de avaliarmos os nossos valores; ensinam-nos a urgência de construirmos uma história de respeito aos povos e de rompimento com os processos de dominação. Não podemos mais aceitar a história do vencedor calando as vozes dos vencidos, sufocando a vida destes. Esta tarefa cabe a todos nós, nos diversos setores da sociedade, sejam os executores, legisladores ou juristas de políticas públicas, sejam os poucos detentores de boa parte da riqueza mundial, sejam os miseráveis do mundo.

Temos que nos juntar às lutas do Movimento Negro, dos Movimentos de Luta pela Terra, dos Movimentos de Juventude, dentre outros, os quais vêm provocando críticas, fomentando lutas, desencadeando mudanças, como, por exemplo, a promulgação da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que altera a Lei nº 9.394 e torna obrigatório a temática História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de

---

<sup>5</sup> Movimento de vai e vem dos discos, realizado pelos DJs na manipulação dos tocadiscos.

ensino brasileiras, assim como o Parecer 003/2004 (BRASIL, 2004), que trata das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, dentre outras ações afirmativas do Movimento Negro. Temos, sociedade, essa dívida ética para com nós mesmos. É a nossa história que precisa ser contada por quem foi (e ainda o é!) calado por muito tempo.

Além disso, esta forma de perceber o mundo vem ao encontro do trabalho de educadores e educadoras compromissados eticamente no exercício de estranhamento do olhar, de apreensão de formas respeitadas de conduzir o processo educacional que está se dando em nossas Escolas e Universidades. Formas que façam a comunicação entre as áreas do saber e entre estas e as diversas formas de saber (a rua, a família...).

A provocação que fazem os homens e as mulheres do Hip Hop é para que abramos as portas das Escolas e Universidades, para que nos dispamos dos pré-conceitos que construímos todos os dias, para que aprendamos com jovens do Hip Hop, com as pessoas que trabalham a terra e lutam por condições de vida dignas - para não se deixar levar pelas ilusões das cidades...

Contudo, a maior provocação que o Hip Hop de São Carlos dirige a nós, educadores e educadoras, que atuamos seja em espaços escolares e não-escolares, é: Podemos aprender com o outro e a outra? Podemos transformar o nosso caminhar num chão de certezas em um caminhar num chão que se move, atentos às delícias que brotam da contradição humana e receptivos, como diz Fernando Pessoa, “para a eterna novidade de conhecer o mundo”? Ta feito o convite.

## Referências

- ALENCAR, Chico. Educar é humanizar. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- AZEVEDO, Amailton Magno “Grillu” & SILVA, Salloma Salomão Jovino da. Os sons que vêm das ruas. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Editora Autores Associados/ANPED, 2002, nº 19.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. NOGUEIRA, Adriano & MAZZA, Débora (orgs.). *Fazer escola conhecendo a vida*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1987.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. 1ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GHETHO, Júlio & PISKA. *Hip Hop Sancarlense - Luta e Persistência*. Histórico construído como parte dos Projetos de atuação do Movimento Hip Hop de São Carlos. São Carlos, janeiro de 2004.

HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Evolução da pesquisa em educação*. In: *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Márcio. Baladas black e rodas de samba da Terra da Garoa. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e MANTESE, Bruna [org.]. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, Heloisa Helena T. Souza. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes (orgs.) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. In: *Cadernos CEDES*, ano XIX, nº 45, julho/98.

\_\_\_\_\_. *Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos*. Relatório de Pós-doutorado efetivado na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos*. Rascunho apresentado para apreciação em reunião do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; REGO, Regina Célia Almeida. *A entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora, 2002.

VANGRELINO, Ana Cristina dos Santos. *O processo de formação de educadores da área de infância e juventude*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2004.

Enviado em mar./2009  
Aprovado em set./2009

---

Cristiano Tierno Siqueira  
Mestre em Educação pelo Departamento de Metodologia  
de Ensino da Universidade Federal de São Carlos  
(UFSCar)  
E-mail: cristianotierno@uol.com.br

Maria Waldenez de Oliveira  
Profa. Dra. do Departamento de Metodologia de Ensino  
da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
E-mail: dmwo@ufscar.br

---